

## **ENTRE MANUAIS PEDAGÓGICOS E O PARECER DE RUI BARBOSA: como ensinar Desenho no curso primário?**

**Marcos Denilson Guimarães<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Com a pretensão de caracterizar a presença do desenho desde o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX busquei, nesta comunicação, examinar de que forma as propostas para o ensino deste saber eram apresentadas para o curso primário brasileiro. Para isso, tomei inicialmente dois manuais pedagógicos. Em seguida, estendi esta análise a partir das discussões apresentadas por Rui Barbosa em Parecer sobre o ensino primário de 1883. Desse modo, questiona-se: Considerando as propostas desses manuais, assentou-se uma pedagogia, um desenho para ensinar a partir de Rui Barbosa? Constatou-se que um dos elementos pedagógicos manifestos nesta análise foram as finalidades e as prescrições metodológicas. Atendendo aos principais movimentos de renovação pedagógica de cada época essas finalidades e prescrições se revelaram, ora com fim propedêutico ora com um caráter de utilidade prática. E que, de maneira unânime, a proposta defendida em Rui Barbosa de um ensino do desenho ao natural é rerepresentada nos dois manuais consultados sendo este visto como o responsável pela acuidade da observação e do treino da mão.

**Palavras-chave:** Manuais pedagógicos. Rui Barbosa. Finalidades. Orientações metodológicas. Desenho ao natural.

### **INTRODUÇÃO**

A partir da necessidade de caracterizar a presença do desenho<sup>2</sup> no ensino primário brasileiro desde o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, busquei atentar para que essa caracterização não ficasse somente restrita a identificar conteúdos e métodos prescritos para esse ensino em documentos oficiais, programas e revistas de ensino, mas tentar examinar de que forma as propostas para o ensino deste saber eram apresentadas para o curso primário brasileiro. Para esta comunicação, além de tomar para exame dois manuais

---

<sup>1</sup> Doutorando da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Campus Garulhos. E-mail: markito\_mat@hotmail.com.

<sup>2</sup> De pronto vale ressaltar que utilizo Desenho com inicial maiúscula quando este se referir a matéria de ensino. Já com inicial minúscula quando se tratar de uma simples execução, de uma representação à lápis de figuras, objetos e paisagens etc.

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

2

pedagógicos<sup>3</sup>, trago à baila o Parecer elaborado pelo intelectual e político baiano Rui Barbosa<sup>4</sup> (1849-1923), no ano de 1883<sup>5</sup>, tendo em vista que é possível encontrar em seu parecer elementos que possam ser destoantes daqueles encontrados na análise dos referidos manuais. Assim, pergunta-se: Considerando as propostas desses manuais, assentou-se uma pedagogia, um desenho para ensinar a partir de Rui Barbosa?

Vale, portanto, ressaltar que a justificativa para a escolha dos manuais pedagógicos se deve em parte ao andamento do projeto “A constituição dos saberes elementares matemáticos: a Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970” em sua terceira etapa de produção<sup>6</sup>. Além disso, na minha pesquisa de doutoramento em andamento, busco identificar que continuidades e rupturas de elementos deste saber sistematizado por Rui Barbosa mostram-se presentes para o Desenho no curso primário brasileiro no período de 1890-1960. Outra informação relevante refere-se às fontes. É que estas, em sua maioria, estão disponíveis no repositório<sup>7</sup> de conteúdo digital sediado na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

O caminho adotado para a escolha dos manuais foi o seguinte: na coleção de *Livros Didáticos* contida no repositório da UFSC há mais de cento e trinta exemplares<sup>8</sup> abrangendo os saberes elementares matemáticos de Desenho, Aritmética e Geometria. O ensino de todas essas matérias é condensado nesses livros desde a segunda metade do século XIX até os anos de 1970, com destaque para a enorme quantidade de livros destinados ao ensino de Aritmética. Examinando esta coleção e priorizando aqueles livros das décadas finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, encontrei dois exemplares a respeito do

<sup>3</sup> Embora saiba da importância de melhor caracterizar um livro didático pelo conjunto de informações que ele apresenta, parto aqui do entendimento que quando destinado ao uso dos professores eles podem ser nominados de manuais pedagógicos (Ver GLOSSÁRIO). No entanto, isso merece um estudo mais aprofundado tendo em vista que estamos diante de uma pesquisa histórica.

<sup>4</sup> A escolha de Rui Barbosa e o exame de seu parecer são justificados por serem temáticas de minha pesquisa do doutoramento que tem por objetivo analisar a trajetória do saber pedagógico Desenho defendido por Rui Barbosa para o curso primário brasileiro a partir das décadas finais do século XIX.

<sup>5</sup> De acordo com Souza (2009), embora o parecer sobre o ensino primário intitulado “Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública” tenha sido apresentado ao parlamento em 12 de setembro de 1882, sua publicação incluindo os anexos foi concluída em 1883, data efetiva de aparecimento deste documento.

<sup>6</sup> Financiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, este projeto já atendeu a duas fases anteriores: escrita sobre documentação oficial e sobre revistas pedagógicas. Para esta etapa o foco está nos livros didáticos e manuais pedagógicos, 1890-1970.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>>.

<sup>8</sup> Dados constatados na época em que fiz a consulta.

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

3

ensino do Desenho. Foram eles: *O desenho ao alcance de todos* de F. Nerêo de Sampaio<sup>9</sup> e *Methodos americanos de educação geral e technica* de Omer Buyse.

Desse modo, inicialmente são apresentados esses dois manuais e analisado o modo como seus autores trataram o assunto. Em seguida, considerando alguns itens mais relevantes, é feita uma tentativa de aproximação com as ideias do legislador Rui Barbosa a partir da redação de seu parecer.

#### ***O DESENHO AO ALCANCE DE TODOS: uma leitura a partir de Nerêo Sampaio***

Mesmo que tenha indicação logo na primeira capa de que *O desenho ao alcance de todos* devesse ser adotado para uso nos ginásios, nas escolas normais, profissionais e de Belas Artes, é apontado na página XXIV que “este livro é um guia orientador para o ensino do desenho do natural em qualquer classe”. Nestas classes estariam incluídos os professores do ensino primário e dos cursos de adaptação aos profissionais, além dos alunos dos cursos profissionais, normal de professores e ginásios.

Vê-se desse modo que este exemplar é visto como um guia para o professor onde o mestre

[...]. Com o conhecimento da matéria poderá com maior segurança, conduzir o ensino nas classes variando do simples ao complexo, sempre eliminando as dificuldades que se apresentam em qualquer iniciação, pela colocação dos modelos, em posições tais, que não ofereçam embaraços aos iniciantes e jamais se utilizando de recursos poucos sinceros que a pedagogia moderna banuiu por nefastos ao ensino.

(SAMPAIO, s/d, p.XXIV-XXV)

Por esta citação e, ao que tudo indica, este livro foi elaborado para servir como material de apoio para as práticas do método intuitivo, isto é, da chamada pedagogia moderna. Isso se torna mais claro quando o autor aponta que o ensino deveria variar do simples para o complexo, do mais fácil para o mais difícil, banindo desse processo os recursos que, supostamente, faziam alusão aos mecanismos do modelo de ensino tradicional

<sup>9</sup> A partir de indicações no próprio livro, tem-se que Nerêo Sampaio foi professor da Escola Normal do Distrito Federal, da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz e da Escola de Belas Artes.

## **XIV Seminário Temático**

**Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):**

**Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**

**Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016**

**Universidade Federal Rio Grande do Norte**

**ISSN: 2357-9889**

**4**

baseado na memorização e em exercícios mecânicos atrofiadores da capacidade infantil da criança. Para Carvalho (2000), no estado de São Paulo a partir do final do século XIX, essa pedagogia era considerada como uma arte de ensinar e que, estruturada sob o primado da visibilidade, via na arte uma boa imitação de modelos. De fato, se voltássemos à citação anterior perceberíamos que era recomendado “a colocação de modelos, em posições tais, que não ofereçam embaraços aos iniciantes”. Ou seja, tudo leva a crer que havia uma prática de cópias de modelos colocados à vista dos alunos.

É sabido que logo na primeira linha do livro o autor comenta que “até os últimos momentos do século passado o desenho foi considerado menos como fator da educação do que como veículo da preparação artística” (SAMPAIO, s/d, p. I). Considerado pelo autor como um grave erro de excentricidade em sua metodologia, é mostrado no livro que isso aos poucos foi sendo alterado. As novas exigências do meio social e, sobretudo, a expansão das indústrias europeias fizeram com que fossem criadas “novas escolas de desenho com diretrizes autônomas que foram, afinal, as precursoras das escolas técnicas profissionais” (SAMPAIO, s/d, p. V). Mais ainda, eram nessas organizações industriais que “estudava-se o desenho com preocupação artística, porém com finalidade industrial” (SAMPAIO, s/d, p.V). É nesse momento que

Pela primeira vez o desenho deixava de servir exclusivamente aos interesses superiores da grande arte para constituir uma aprendizagem, isto é, em vez dos clássicos estudos de cópia dos quadros célebres dos grandes artistas e do estudo parcelado de anatomia artística, o estudo dos elementos construtivos do desenho, a cópia da natureza viva e o estudo dos estilos clássicos.

(SAMPAIO, s/d, p. V)

Foi esse movimento, imposto pelas necessidades das indústrias, o responsável pelo desenvolvimento do ensino do Desenho em diferentes países como França, Áustria, Alemanha, Holanda e América do Norte. Esses países, segundo Sampaio (s/d, p. VI), começaram a encarar “o problema do ensino do desenho para o desenvolvimento da política econômica das indústrias de bom gosto”. Para o mesmo autor, foi Pestalozzi o primeiro no terreno das realizações concretas “a tornar o desenho um fator da educação, experimentando o valor dos conceitos por Comenius, Locke e Rousseau” (SAMPAIO, s/d, p.IX).

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

5

Outro debate suscitado pelo autor na obra em análise refere-se à um ensino baseado “[...] no aproveitamento da atividade consciente do aluno para conduzi-la à realização dos fins reais, que se tem em vista” (SAMPAIO, s/d, p.XVIII). Para isso, essa dita “nova escola” se apoiava na observação direta da natureza e no exercício do “*learning by doing*” (aprender fazendo). Todavia, era ressaltado que

[...] o desenho da escola nova não pode nem deve ser aquele mesmo desenho de pretensões artísticas animado de formas convencionais condicionadas. O desenho meio de expressão, como a palavra e a escrita, é, na escola única, um veículo de educação, e, como tal, não pode afetar somente preocupação artística; é um meio de educação e jamais um fim.

(SAMPAIO, s/d, p.XVIII)

Nota-se que, assim como a linguagem escrita ou falada, o desenho era também visto, nessa nova escola, como uma linguagem de expressão, um veículo de educação que possibilitava ao aluno executar e projetar suas “ingenuidades e imperfeições próprias da mentalidade infantil” (SAMPAIO, s/d, p.XIX). Dessa maneira,

O desenho, tal como a linguagem falada e a escrita, está intimamente ligado à observação, conhecimento, investigação, representação e utilidade das coisas. Como, porém, os intuítos da escola nova estão voltados de face para as atividades espontâneas dos alunos, no sentido de melhor conduzir à eclosão de suas personalidades, o desenho, como fator educacional, deve ter a feição realista de expressão gráfica das coisas, ou representação das imagens do mundo exterior ou interior, que impressionam diretamente os alunos.

(SAMPAIO, s/d, p. XIX)

Mais uma vez, além de fazer referência às atividades espontâneas dos alunos, o ensino de Desenho deveria atentar para a manifestação gráfica infantil de coisas que representassem tanto o mundo interior quanto o exterior e fossem diretamente ligadas ao seu meio familiar. E mesmo que a criança elaborasse expressões orais, escritas ou desenhadas de maneira defeituosa e insipiente, para os mestres teriam muita utilidade já que “por intermédio delas, tem oportunidade de aquilatar as dificuldades que o educando encontra, e, partindo destas manifestações imperfeitas é que o mestre faz as observações necessárias, no intuito de conduzir o aluno à correção da expressão” (SAMPAIO, s/d, p.XX). Nesse caso, é papel do professor aproveitar a manifestação espontânea e fazer das excitações em forma de

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

6

sugestões e incitamentos para “provocar a transformação do exercício da faculdade num hábito” (SAMPAIO, s/d, p. XX).

Ainda segundo Sampaio,

[...] a maior dificuldade na iniciação está em que as crianças gostam extraordinariamente de desenhar tudo quanto imaginam ou mesmo veem, porém, sem a preocupação de observar. O método deverá, portanto, ter como ponto fundamental o intuito de despertar o interesse pela observação visual.

(SAMPAIO, s/d, p.XXI)

Neste caso, o veículo desta educação visual era o desenho pois “a contemplação da natureza e especialmente da natureza viva, do que é dinâmico, interessa extraordinariamente a criança e até mesmo aos adultos” (SAMPAIO, s/d, p.XXII). Em particular,

A criança, quando olha um objeto qualquer ou mesmo a figura humana, não observa senão para tomar um conhecimento visual sintético das coisas para conhecê-las e poder distingui-las, porém, tanto o desenvolvimento visual da forma quanto a diferenciação são fixações imprecisas, porque ela as viu sem observar, isto é, desatentamente.

(SAMPAIO, s/d, p.XXI –XXII)

Vê-se, portanto, que o conhecimento da forma e sua diferenciação são elementos importantes para o gradual desenvolvimento de suas faculdades de observação. Todavia, nada disso é possível se não houver a própria observação, a atenção necessária requerida. Logo, sendo a educação da vista pelo hábito da observação o objetivo fundamental, consegue-se isso pela educação da atenção, que de acordo com ele, “[...] é o fator mais fraco que o aluno apresenta” (SAMPAIO, s/d, p. XXII). Ou seja, “educa-se a atenção pela observação, pois observar não é senão dirigir convenientemente a atenção, e, criando o interesse no ensino, desperta a atenção. Assim, prepara-se o terreno para o desenvolvimento do *desenho do natural*” (SAMPAIO, s/d, p.XXIII, *grifos meus*).

Fica claramente evidente, na parte dos exercícios demonstrados nas páginas seguintes do livro, que este desenho ao natural era feito a partir de um modelo escolhido. A cópia do natural, isto é, a cópia do objeto reproduzido exigia uma semelhança com as relações de grandeza devendo corresponder, proporcionalmente, às do objeto ou conjunto observado (SAMPAIO, s/d). Isso porque

Um desenho do natural cujas relações de grandeza sejam diversas daquelas que observamos, será um desenho de invenção e jamais uma reprodução do que se vê. O valor da cópia do natural está, exclusivamente, no estudo sistemático da observação das várias deformações aparentes que os objetos apresentam à nossa visão, conforme o ponto de vista que ocupamos.

(SAMPAIO, s/d, p.13-14)

Desse modo, salienta-se que, caso não seja dada atenção para isso, anular-se-ia a preocupação de educar a vista, objetivo fundamental da perspectiva de observação. Logo, “a cópia do natural é um estudo indispensável a quem se inicia no desenho, porém, deve ser guiada pelos princípios da perspectiva de observação” (SAMPAIO, s/d, p.14). E, deste modo, observar, medir, proporcionar e comparar é um trabalho fundamental nesse processo. Outro tipo de desenho mencionado é o desenho de imaginação como sendo aquele que envolve “os elementos de composição decorativa” (SAMPAIO, s/d, p.XXIII) e que nas escolas teria duplo objetivo: desenvolver o espírito investigador e difundir noções de bom gosto.

Em suma, “assim, na escola única, o desenho, *como meio e não como fim*, deve firmar-se na característica fundamental de linguagem gráfica real, porque, quaisquer que sejam as modalidades nas quais se apresente, a fonte primária é o *desenho do natural*” (SAMPAIO, s/d, p. XXXIII, *grifos meus*). Este tipo de desenho é mencionado no manual para o ensino das retas horizontais e paralelas, ao estudo dos corpos prismáticos e dos piramidados, dos círculos e corpos de revolução, das luzes e sombras e várias aplicações. Por meio desses e do uso do desenho ao natural, ao que parece, esperava-se que a criança soubesse observar, traçar linhas retas e curvas, reproduzisse um objeto por meio da cópia, etc.

### **OMER BUYSE: o método americano no ensino de desenho**

O governo do estado da Bahia, com a pretensão de difundir os métodos americanos de ensino elementar, resolveu traduzir para o português o livro de Omer Buyse intitulado *Méthodes Américaines d'Éducation Générale et Technique*. O grande responsável por esta

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

8

tradução<sup>10</sup> foi o intelectual baiano Anísio Teixeira<sup>11</sup> no ano de 1927<sup>12</sup>. Divulgado pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia, este livro compreendia um novo modo de encarar a educação do ponto de vista do sistema educacional americano. Assim fala, Anísio Teixeira, em seu prefácio:

A obra de Omer Buyse, atual diretor do Departamento de ensino técnico e profissional na Bélgica, é sem contestação, reputada uma das mais fiéis e inteligentes exposições dos métodos americanos de educação. O Governo do Estado, traduzindo-a, deseja concorrer para que se instalem aqueles processos tão úteis e eficientes, com as modificações que o meio exigir, na escola baiana, afim de que esta sirva, realmente, de honesto preparo para a vida árdua e agitada do nosso século.

(PRÉFACIO, 1927)

Este “honesto preparo para a vida árdua e agitada do nosso século” tinha relação com a organização e crescimento cada vez maior de países industriais e comerciais. Não mostrando inércia a tudo isso, os Estados Unidos não ficaram atrás nessa corrida. Nessa competição passaram a revelar métodos audaciosos que transformaram as regras clássicas da fabricação e do comércio, chegando ao ponto de ameaçar a supremacia europeia por conta do grandioso desenvolvimento material que conseguiu (BUYSE, 1927). Todavia, grande investimento na educação familiar e escolar americana foi o principal vitorioso. Tal educação se apoiava sobre o esforço pessoal do aluno cujas “noções adquiridas, a cada instante, e nos diversos anos de estudos escolares, são levadas às crianças ou confirmadas, nelas por atos” (BUYSE, 1927, p.4). Basicamente se falava de um sistema de instrução pela ação em que aprender agindo (*Learning by doing*) era o espírito dos métodos escolares americanos.

---

10 É apontado no prefácio escrito por Anísio Teixeira que a tradução foi entregue aos cuidados do Dr. Luiz Ribeiro de Senna, nome que aparece na capa do livro. Além disso, tem-se que esta tradução foi especial para a Revista de Estudos Pedagógicos.

11 Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, Bahia, em 1900. Após sólida formação adquirida em importantes institutos e colégios baianos, em 1922, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Durante os anos de 1924 a 1929 ocupou o cargo de Inspetor Geral de Ensino, aonde teve a oportunidade de realizar uma reforma da instrução pública no estado. Em 1925 fez uma viagem para a Europa e em 1927 e meados de 1928 fez duas para os Estados Unidos. É nos Estados Unidos que ele teve contato com a obra do filósofo americano John Dewey que marcou definitivamente sua trajetória intelectual. Em 1929, obteve o título de *Master of Arts* pelo Teachers College da Columbia University. Veio a falecer na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1971 (NUNES, 2000).

12 Não sabemos ao certo em que ano foi lançado o livro. 1927 refere-se ao ano de edição da fonte disponível no repositório de conteúdo digital da Universidade Federal de Santa Catarina.

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

9

É no capítulo I de seu livro que são enfatizados os sistemas escolares do ensino primário. Todavia, é no capítulo III chamado “O desenho e os trabalhos manuais nas escolas elementares” que Omer Buyse apresenta as principais ideias americanas sobre o ensino do Desenho para a escola primária. O autor aponta que em muitas escolas americanas tanto o Desenho quanto os Trabalhos Manuais dos cursos primários gravitavam em torno dos centros de interesses e, que esses centros “se encontravam nas raias de observação das crianças” (BUYSE, 1927, p.30) como as ocupações da casa, a vida da comunidade e escolar, as férias, o estudo da natureza. Neste caso,

A técnica do desenho [...], aplicada aos primeiros tateios gráficos dos meninos, de seis a nove anos, é variada de forma como o é, aliás, de finalidade. Os alunos *desenham à mão livre*, os *objetos que lhes são familiares* e adquirem, assim, o sentido e o julgamento das formas e das proporções. As folhas, flores e frutos, as formas animais, os brinquedos e os objetos que ilustram os incidentes da vida infantil, são outros tantos assuntos dos trabalhos.

(BUYSE, 1927, p.31, *grifos meus*)

Pela citação, percebe-se claramente que a noção de interesse, muito citada anteriormente, consiste num elemento fundamental nessa escola. Essa noção de interesse também atravessa as matérias de ensino. Nota-se que para o ensino do Desenho os alunos deveriam desenhar naturalmente à mão livre objetos que lhes fossem familiares, isto é, que tivessem sentido para a sua vida pessoal. Dessa maneira, esses desenhos inicialmente elaborados não seguiam um modelo ou um ditado. Para Buyse (1927), “todos são concepções que nascem das discussões entre alunos e professores” (BUYSE, 1927, p.32).

Mais ainda, para ele o princípio do curso era fazer com que cada criança produzisse suas formas pessoais e espontâneas, “dando-lhe dimensões que correspondam ao seu gosto e ao destino que ela quer dar ao objeto que pretende construir” (BUYSE, 1927, p.32), pois

Nada repugna mais ao espírito americano que a uniformidade, a laminação das ideias. Despertar a personalidade das crianças provocando-lhe as manifestações: exercitar seu espírito de invenção, de criação ou de execução, eis a essência dos métodos de educação. O cuidado que tem a escola em dar, às faculdades das crianças, todo o arrojo se mostra, claramente, no *desenho pitoresco*.

(BUYSE, 1927, p.32, *grifos do autor*)

## **XIV Seminário Temático**

**Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):**

**Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**

**Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016**

**Universidade Federal Rio Grande do Norte**

**ISSN: 2357-9889**

**10**

Por desenho pitoresco entende-se o desenho produzido a partir de uma narração, de uma leitura, uma discussão, etc. E não importando a qualidade do desenho feito, mas a sinceridade, a naturalidade, o vigor e o caráter de expressão de ideias, “neles a criança revela a sua mentalidade e afirma a sua personalidade. De mais a mais, por este método, ela adquire uma facilidade pasmosa em exprimir o pensamento por meio da imagem” (BUYSE, 1927, p. 34). São os comentários do professor que colocam os assuntos nos centros de interesse das crianças e tem por fim “fazê-las compreender uma imagem, interpretá-la do ponto de vista de sua significação fazendo-lhe ressaltar a beleza” (BUYSE, 1927, p.35). Vale mencionar que “cada assunto estudado à mão livre, é retomado, paralelamente, no desenho técnico e no desenho pitoresco” (BUYSE, 1927, p.58).

Além disso, afirma: “O desenho ao natural está muito em voga. O objetivo dominante é orientar as crianças no sentido de traduzirem seu pensamento, em formas artísticas, no desenho e na execução de trabalhos” (BUYSE, 1927, p.67-68). Dessa maneira, verifica-se que o ensino do desenho ao natural era o mais recomendado para as escolas elementares americanas.

Em suma,

O desenho, notavelmente ensinado como matéria especial, acompanha todas as lições, oferecendo ao ensino primário, o grande recurso de uma linguagem completa, concisa, clara e nova. Ele vem em auxílio da palavra do mestre, supre a incorreção, a insuficiência do vocabulário e a imperfeição de elocução das crianças.

(BUYSE, 1927, p.77)

Por esta citação, confirma-se porque o desenho era tido como “rei” nas escolas da América (BUYSE, 1927).

### **ENTRE OS MANUAIS E O PARECER DE RUI BARBOSA: que pedagogia e desenho sobressaem?**

Viu-se no exame aos dois manuais anteriores que muitas foram as finalidades e orientações metodológicas para o ensino do Desenho. Nestes manuais, as ideias a respeito deste saber elementar matemático mostram que o Desenho como matéria escolar deveria

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

11

estar a serviço de todos. Sobre isso, já dizia Rui Barbosa: “[...], que as aptidões, de que depende o seu estudo [referindo-se ao desenho], *são comuns a todos os entendimentos*, e de uma vivacidade particularmente ativa nos primeiros anos da existência humana” (BARBOSA, 1946, p.109, *grifos meus*).

É pensando neste contexto que este estudo faz relação com as ideias defendidas por Rui Barbosa, um dos mais importantes porta-vozes da chamada pedagogia moderna e que lutou veemente pela renovação do método e de novos princípios para o sistema educacional primário brasileiro.

Desse modo, a proposta pedagógica para o ensino do Desenho apresentada nas décadas finais do século XIX por este político e reformador social trazia em parecer, dedicado à reforma do ensino primário brasileiro, datado de 1883, um conjunto de fundamentos e aplicações da pedagogia que, em muito, representava uma realidade mundialmente discutida. Desejoso de mudanças e nelas depositando empenho, Rui Barbosa buscando mostrar o quanto nosso país estava atrasado em relação às potências europeias e aos Estados Unidos, num “momento de rápida evolução de doutrinas sociais e educativas” (LOURENÇO FILHO, 1945, p.14), via nas obras estrangeiras elementos que fizessem repensar a nossa realidade educacional em “seus objetivos e coerências com os ideais de modernidade e inovação” (SOUZA, 2011, p.10).

Como defensor das reformas dos métodos e do mestre, Rui Barbosa entendia o ensino do Desenho como uma base para a instrução técnica e industrial já que ele mesmo confirma, em seu parecer, que muitos países apresentaram resultados positivos por causa da inserção do desenho e da arte. Não era mais suficiente ter um operário que soubesse somente ler e escrever. Era preciso, de fato, que este soubesse desenhar. Entendimento reforçado por Wanderhagen (1880), em relatório apresentado em 1880 no congresso internacional de ensino em Bruxelas: “[...] a eles [os operários] o desenho *é mais necessário* do que uma e outra [leitura e escrita]; visto como pode-se saber o ofício, e ser hábil artífice, sem ler, nem escrever; mas não, sem compreender o desenho” (WANDERHAEGEN, 1880 *apud* BARBOSA, 1946, p.122, *grifos do autor*).

Atento às mudanças que ocorriam em diferentes países via exposições e congressos internacionais, Rui Barbosa, assim como os que foram estudados anteriormente, ressaltam em primeiro plano a importância e expansão das indústrias para a propagação do desenho como fator de primeira necessidade. Ou seja, eles partiram do mesmo princípio de que o

## **XIV Seminário Temático**

**Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):**

**Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**

**Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016**

**Universidade Federal Rio Grande do Norte**

**ISSN: 2357-9889**

**12**

valor do desenho tanto como instrumento educativo quanto como atividade laboriosa não cessava de crescer e, por isso, passava a ser visto como uma das bases primordiais para o progresso e desenvolvimento econômico dos países.

Diante disso, não é de se estranhar que, em meio ao atraso em que se encontrava o nosso país, a educação pública fosse entendida como um dos primeiros passos eficazes na construção de um novo país e na formação de um novo cidadão engajado com as mais recentes inovações na área da produção e da disciplinarização. Esse modo de pensar fez com que Rui Barbosa elencasse alguns argumentos que demonstravam a importância deste ensino. Além do auxílio a outros saberes, como as formas, a geometria, os trabalhos manuais, deveria preceder à própria escrita já que o ato de desenhar era considerado próprio da natureza da criança; ser elemento essencial no cultivo das faculdades de observação, de invenção, de assimilação e retenção mental (BARBOSA, 1946). Como foi visto anteriormente, estas mesmas ideias aparecem no manual de Nerêo Sampaio mas não com tanta ênfase e clareza em Omer Buyse.

Em relação ao método utilizado para o estudo do desenho é possível encontrar diferenças significativas. Enquanto que Rui Barbosa e Nerêo Sampaio parecem estar ligados ao mesmo movimento pedagógico, Omer Buyse é partidário de outra proposta. Quais, então, são os indícios que apontam para isso?

Logo após a apresentação da capa e das contracapas do manual “O desenho ao alcance de todos”, Nerêo Sampaio traz como primeiro título “O desenho em face da pedagogia moderna”. Logo em seguida, no interior deste manual, o autor realiza um apanhado geral a respeito de como o desenho era visto pelas organizações industriais antigas e de como os países mais avançados, como Inglaterra, França, Alemanha, etc., conseguiram encarar o problema do desenho e desenvolver uma política econômica das indústrias de bom gosto. Em meio a todo esse discurso surge um importante nome do movimento em defesa do método intuitivo: Pestalozzi. As ideias deste pedagogo suíço foram tomadas por Sampaio (s/d) como ponto de partida para a defesa do ensino do Desenho a partir do método de ensino intuitivo. Tal método tinha como principal premissa oferecer dados sensíveis à percepção e à observação dos alunos. Da mesma forma, Rui Barbosa propunha a adesão ao método intuitivo pois este seria, para ele, o processo geral, “a que se devem subordinar todas as disciplinas professadas na instrução elementar” (BARBOSA, 1946, p.215). Ainda, segundo ele, e baseando-se nos estudos de Pestalozzi e Froebel, o método intuitivo deveria se dar por

## XIV Seminário Temático

Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

13

meio do uso dos sentidos e daquilo que era possível observar na natureza. Isso permitia o desenvolvimento das faculdades de observação e da capacidade imaginativa da criança por meio de uma marcha que partia do simples para o complexo, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, do particular ao geral.

Deslocando o eixo de discussão para os anos 20 do século XX é visto, pela análise do manual de Omer Buyse, que novas ideias pedagógicas estavam em voga. Com um foco bastante acentuado nas atividades espontâneas dos alunos, os métodos americanos de ensino não separavam o pensamento da ação, o fato da ideia. Aprender agindo (*Learning by doing*) era o espírito essencial. Ademais,

Fazer agir a criança, em toda a liberdade, como se estivesse só no mundo; exaltar o prazer no esforço, a alegria na luta contra as dificuldades, obter o domínio de si mesma, o ‘self-control’, eis a tarefa superior da escola. Nem os fatos, nem as teorias são ensinados ou comunicados, verbalmente, aos alunos. Os americanos, professores e alunos, têm uma verdadeira repugnância pelas teorias já feitas, pelas definições e abstrações que não tenham sanção prática.

(BUYSE, 1927, p.5)

Nesse caso, a lógica que presidia estava baseada na noção dos centros de interesse da criança. Isto é, seria o interesse o carro-chefe da atividade e estaria ligado ao contexto familiar e local das crianças. Todavia, vale ressaltar que para Buyse (1927) esses centros de interesses deveriam ser acordados entre professores e alunos e só depois é que a criança dedicaria sua imaginação, sentimentos e lembranças para investigá-los. Essa talvez tenha sido a principal característica do ensino da chamada escola nova americana.

Além disso, a redefinição do conceito de atividade teve papel central, “fazendo com que as práticas escolares passassem a ser reguladas por normas distintas daquelas que prescreviam a arte de bem ensinar como boa cópia de modelos e a arte de bem aprender como exercício das *faculdades da alma*” (CARVALHO, 2000, p.115, *grifos da autora*).

Outro item de discussão suscitada pela análise dos manuais refere-se aos diferentes tipos de desenho. Deste modo, observou-se que mesmo sendo apresentada uma variedade de nomenclaturas (desenho artístico e industrial, desenho técnico, desenho de imaginação, desenho pitoresco), o destaque e a defesa era pelo ensino do desenho ao natural. O mais interessante é observar que este tipo de desenho, executado a partir de modelos colocados à vista dos alunos, tem uma longa permanência. Mesmo passando por diferentes concepções

## **XIV Seminário Temático**

### **Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):**

#### **Sobre o que tratam os Manuais Escolares?**

**Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016**

**Universidade Federal Rio Grande do Norte**

**ISSN: 2357-9889**

**14**

e orientações metodológicas (refiro-me aos preceitos do método intuitivo e do escolanovismo) o desenho ao natural consegue ultrapassar fronteiras e continuar sendo apontado como o mais apropriado para este tipo de escola. Sua função, ao que tudo indica, era educar a vista e a mão, levando as crianças a perceberem nitidamente e a discernirem com segurança as formas e traços geométricos dos objetos.

Já em Rui Barbosa a defesa era que o ensino do Desenho pelo método intuitivo partisse da cópia de modelos simples progredindo em direção aos desenhos de memória, de invenção que qualificassem o olho e a mão dos alunos. Ao que parece, tais recomendações vão ao encontro daquelas anunciadas anteriormente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O exame efetuado em relação aos dois manuais escolares e o parecer de Rui Barbosa permitem afirmar que, longe de se oporem, as ideias neles contidas revelaram finalidades e prescrições metodológicas para o ensino do Desenho.

A leitura destas fontes mostra também que o ensino do Desenho em Nerêo Sampaio e em Rui Barbosa tinha um caráter mais prático-utilitário. Isto é, considerando o desenho um dos vetores mais importantes para o crescimento e progresso dos países, tendo em vista todo um processo em defesa da modernização do país, seu ensino era visto como necessário à preparação e habilitação para o exercício de determinadas profissões, como a de operário nas indústrias. Desse modo, o saber desenhar não era simplesmente um saber artístico ou industrial, ele também se tornou escolar porque era visto como “pré-requisito” para outros saberes já escolarizáveis: a exemplo, do saber escrever. Por isso, o ensino deste saber deveria ser encetado nas escolas primárias antes mesmo da escrita. Além de saber escrever e contar era preciso que as crianças soubessem desenhar.

Por outro lado, essas crianças eram preparadas para atender às demandas de ordem mais prática, mais cotidiana a partir da realização de atividades familiares e próximas ao seu contexto local. Esse apelo é muito mais revelador no manual de Omer Buyse em que o esforço pessoal do aluno configura-se nos chamados centros de interesses. Ao que tudo indica, está presente nesses elementos um caráter mais formativo, propedêutico. Constata-se também que os autores deixam claro que o aluno não precisava desenhar perfeitamente.

## XIV Seminário Temático

### Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970):

#### Sobre o que tratam os Manuais Escolares?

Natal – Rio Grande do Norte, 21 a 23 de março de 2016

Universidade Federal Rio Grande do Norte

ISSN: 2357-9889

15

Não era o perfeito que ia fazê-lo melhor ou pior, mais apto ou menos apto a prosseguir, mas sim o interesse pela observação visual. Sem esquecer da unanimidade em afirmarem e defenderam o ensino do desenho ao natural como o responsável pela acuidade da observação e do treino da mão. Este é um elemento de permanência nas propostas. No entanto, essa é uma temática que exige uma continuidade de investigação por conta do andamento do meu doutoramento.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública. **Obras Completas de Rui Barbosa**. Vol. X. 1883, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

BUYSE, O. **Métodos Americanos de Educação Geral e Técnica**. Tradução de Luiz Ribeiro Senna. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1927. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135019>>. Acesso em: 16 Jan. 2016.

CARVALHO, M. M. C. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 111-120, 2000.

GLOSSÁRIO. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158952>>. Acesso em: 20 Fev. 2016.

LOURENÇO FILHO, L. **A pedagogia de Rui Barbosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

NUNES, C. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, dez., 2000.

SAMPAIO, F. N. **O desenho ao alcance de todos**. Para uso nos ginásios, nas escolas normais, profissionais e Belas Artes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105105>>. Acesso em: 10 Jan. 2016.

SOUZA, R. F. **Alicerces da Pátria**: História da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, F. F. **O desenho é a escrita da indústria**: ensino de desenho e educação profissional em Rui Barbosa. Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Tecnológica de Minas Gerais (Dissertação), 2011.